

М.М.Бахтин в своем рабочем кабинете. 1973 г.

**M. M. Bakhtin em seu  
gabinete de trabalho. 1973**

## **Perspectivas dialógica do discurso foco no conceito de arquitetônica**

Maria Inês Batista Campos

maricamp@usp.br

USP

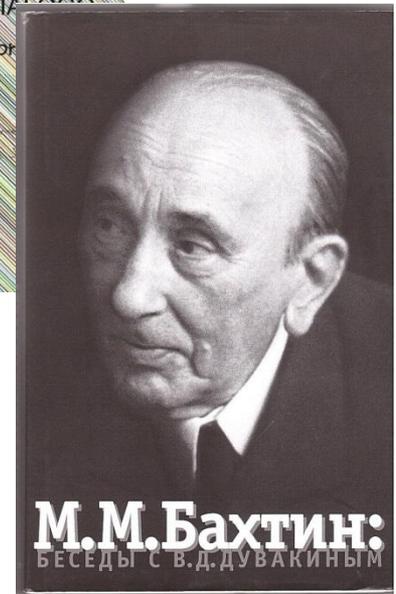
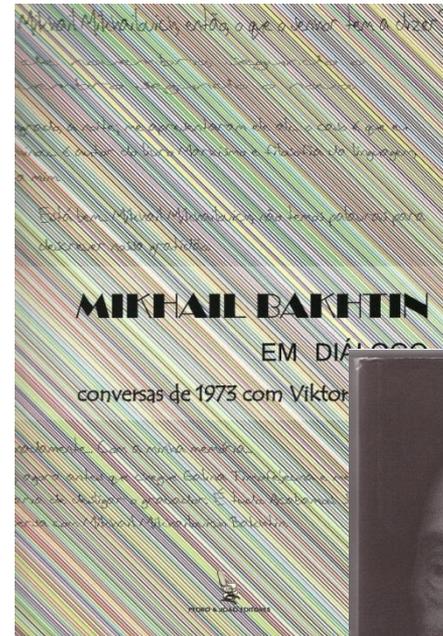
24/09/2013

# Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin



V. D. Дувакин готовится к записи М. М. Бахтина.

**V. D. Duvakin prepara-se para gravação de M. M. Bakhtin.**



# “Sou um filósofo”, afirma Bakhtin

D: Ilustrou muito bem o seu pessoal crescimento científico, e também filosófico ... Mas, no todo, o interesse, digamos, pela Escola de Marburg, e em geral pela filosofia, era amplamente difundido?

B: Não amplamente, não. Em essência ... Não, não foi nunca. Tratava-se de um interesse bem restrito.

D: Quem fazia parte além do senhor?

B: Além de mim, havia uma pessoa que pude conhecer melhor com o passar do tempo e que virou um dos meus amigos mais íntimos. Ele tinha estudado diretamente na Alemanha, com Hermann Cohen. Morreu há tempo, mas sua filha me visita ainda.

D: De quem se trata precisamente?

B: é Matvei Isaiévitch Kagan.

D: Então em Odessa vocês já se conheciam?

# “Sou um filósofo”, afirma Bakhtin

B: Não. Conheci-o muito tempo depois.

D: Mas eu perguntei quem estava com o senhor em Odessa ... Interessando-se por aquela filosofia?

B: Somente eu e meu irmão, que então estava também na Universidade, matriculado em Odessa.

D: Mas o senhor não era também um classicista?

B: Eu era já ... Eu era um filósofo. Veja, eu diria assim ...

D. O senhor era mais filósofo que filólogo?

B: Filósofo, mais que filólogo. Filósofo. E assim permaneci até hoje. Sou um filósofo. Sou um pensador.

BAKHTIN, M. *Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008, p.45.



**Onde se encontra o  
conceito de arquitetônica na obra de  
Bakhtin ?**

# Ponto de partida: a ciência

Bakhtin parte do conceito de mecânica para introduzir as concepções sobre a criação estética e apresenta uma alternativa de compreensão do movimento fora do domínio da mecânica.

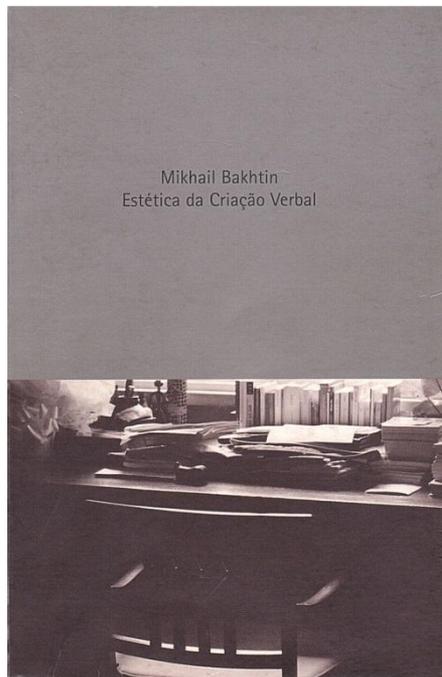
Mechaniké (grego) e mechanica (latim) significam a atividade dos corpos, dos movimentos e das forças que agem em seu interior e mobilizam seus impulsos.

A mecânica se orienta pelas coisas em si, tomadas isoladamente, e não pelo que elas possam significar em suas relações umas como as outras. Os elementos do conjunto estão justapostos e não há interação entre eles.

(Machado, I. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e extopia. In.: PAULA; STAFUZZA. *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p.203.

# Conceito de arquitetônica na perspectiva bakhtiniana

BAKHTIN, M. Arte e responsabilidade. (1919, 2003, p. XXXIII)



## Conceito de arquitetônica

Chama-se **mecânico** ao todo se alguns de seus elementos estão unificados apenas no espaço e no tempo por uma relação externa e não os penetra a unidade interna do sentido. As partes desse todo, ainda que estejam lado a lado e se toquem, em si mesmas são estranhas umas às outras.

## Proposta conceitual de Bakhtin: “arquitetônica”

“Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade. Mas essa relação pode tornar-se mecânica, externa. **Lamentavelmente**, é o que acontece com maior frequência. O artista e o homem estão unificados em um indivíduo de forma ingênua, o mais das vezes mecânica: temporariamente o homem sai da “agitação do dia-a-dia” para a criação como para outro mundo “de inspiração, sons doces e orações”.

M. Bakhtin, 2003, XXXIII

# Arquitetônica: projeto conceitual

## MÊCANICA

trata o mundo em si, mundo das coisas mudas;  
Mundo da mecânica nada se deixa tocar pela “unidade interna do sentido”.

Mostra os posicionamentos.

## ARQUITETÔNICA

valoriza as relações produtoras de sentidos; o ser humano fala, interroga a si mesmo e aos outros, constrói conhecimentos; mundo dos acontecimentos, dos atos éticos e da atividade estética; mostra o movimento.

Persegue os fluxos e seus pontos de vista projetados sob forma de diferentes interações.

inacabamento

Chave  
conceitual do  
projeto  
especulativo  
centro das  
relações éticas  
entre os  
sujeitos

Dimensões do  
acabamento  
sob a forma  
de texto

## *Estilística da criação verbal* do jovem Bakhtin uma trilogia inacabada (B.Vauthier)

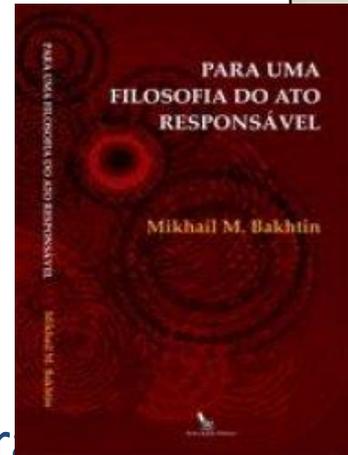
- (1) *Para uma filosofia do ato responsável* (1986/1993-inglês);
- (2) “O autor e o herói na atividade estética”; (1979/1990- inglês), na obra de coletânea *Estética da criação verbal*;
- (3) “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária”, (1923-24, 1975/1990), na obra de coletânea *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*.

# *Para uma filosofia do ato responsável (1919-1921)*

Escrito em Vitebsk, só foi publicado pela primeira vez em 1986.

Manuscrito com alguns trechos ilegíveis em decorrência das condições precárias de arquivo. Faltam as primeiras páginas do texto. É um rascunho.

Texto filosófico com vários interlocutores: destaca-se o filósofo Immanuel Kant com sua obra *A crítica da razão pura*. A razão humana é de natureza arquitetônica.



## O princípio ético como fundamento do dialogismo em Mikhail Bakhtin (Bubnova)

Resultado do “Seminário kantiano” (1919-1928) com M. Kagan e L. Pumpianski.

Estudos em torno da escola de Marburg

- Herman Cohen
- Paul Natorp
- Ernst Cassirer

# Definição do ato ético

1. É necessário, não é fortuito;
2. Núcleo é o conceito de responsabilidade, personalizada, ontológica, sempre concreta. *Compreender* um objeto significa compreender meu dever ser em relação a ele, compreender como se vincula a mim no singular acontecer existencial, de modo que essa relação não suponha uma abstração de minha subjetividade (como o ato teórico cognoscitivo puro), mas minha participação responsável. (2012, p.66; 1986, p.95),
3. O ato é consequência da interação do eu com o outro que o converte em um “acontecimento do ser”, com caráter ontológico. Em russo, o “acontecimento do ser”, *sobytie bytia* pode ser lido como um “ser juntos”, “compartilhar a experiência do ser”.
4. O ato não implica só uma ação física, mas enquanto permanecer ético pode ser ato-pensamento, ato-sentimento, ato de cognição, ato estético, ato-enunciado, etc.
5. O ato ético é um “documento assinado”: tem autoria, não possui valor nenhum sem a aceitação livre e consciente da responsabilidade que implica a autoria (“assinatura”); é único, pessoal, comprometido e irrepetível.

## Dialogia bakhtiana: alteridade

Presença do *terceiro* no diálogo ontológico e no diálogo social. Além da alteridade física ou interna, o terceiro é fonte de valores que permite apreciá-lo a partir de dois pontos de vista:

A visão estética se fundamenta na visão excedente que o outro tem sobre mim.

# Dialogia bakhtiana: alteridade

- Em primeiro lugar, minha corporeidade física: somente o outro pode me ver como um corpo global e “acabado”, sobre um fundo externo; apenas para o outro esses aspectos meus podem representar um valor não comparável com aqueles que minha subjetividade opera, sendo assim um valor negativo. O reconhecimento do outro é a razão fundamental de meus atos.
- Só ao outro posso abarcar amorosamente com o olhar, abraçar, beijar, convertê-lo em objeto de contemplação estética amorosa.
- Do ponto de vista puramente antropológico ou fenomenológico, “el Doble es un *otro* que al mismo tiempo me representa a mí mismo; y por el contrario: es un yo que no coincide consigo mismo al topar en un momento determinado consigo mismo como si fuera otro fuera de sí” (MAJLÍN, 1992, p. 85).

# Espaço e tempo em Filosofia do ato

**Espaço e tempo** – fenomenologia do ato responsável

Ato é sempre único e irrepetível, só é possível descrevê-lo participativamente, jamais conceitualizando-o por um gesto de abstração.

Não tenho álibi na existência. Não tenho desculpas. Essa obrigação ocorre por eu ser singular, ocupar um lugar único, insubstituível e impenetrável da parte de um outro.

No espaço, mede-se o tempo e, sem espacialização, o tempo é impalpável. Essa tensão aparece no conceito de exotopia.

# Sobre o espaço e o tempo:

- a) exotopia: temporalidade que tem o caráter do acabamento e de totalização, dando uma ênfase espacial: é o lugar onde é possível fixar algo do devir e dar-lhe a forma de um todo.
- b) Cronotopo: inspirado na Física contemporânea, o termo designa lugar de fusão dos índices espacio-temporais em um todo intelegível e concreto.

O cronotopo orienta a compreensão da comunicação na cultura de sistemas verbo-visuais que constroem as relações de espaço-tempo em composições arquitetônicas imprevisíveis desafiando todo nosso conhecimento sobre as condições da própria natureza humana.

## **1ª parte da Filosofia do ato: Arquitetônica do mundo vivido e do ato estético (p. 119)**

Nesta parte, estão presentes:

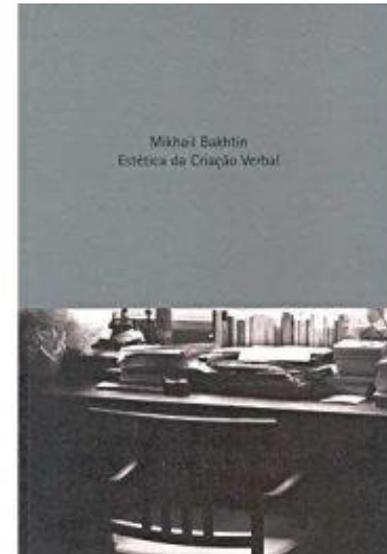
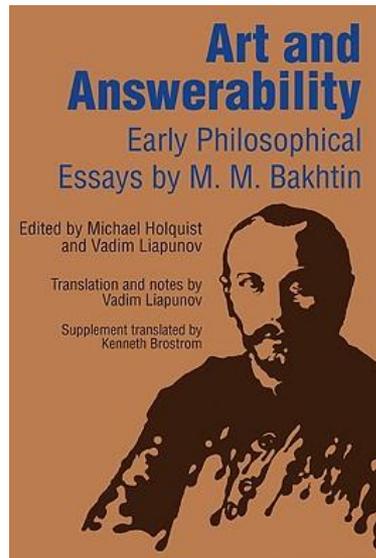
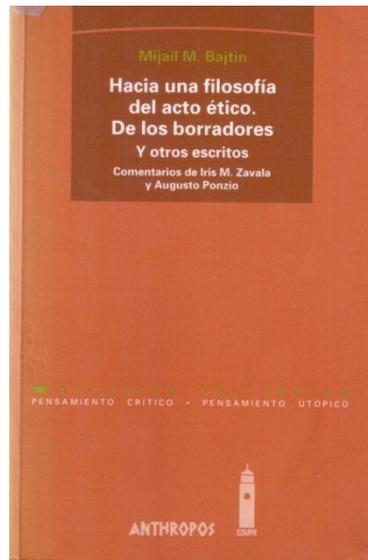
Oposição entre o significado eterno e a realidade e a consciência transitórias;

A escolha da arte pelos tons emotivo-volitivos, mais próxima do mundo da vida;

O significado se torna válido somente associado ao ato, adquirindo a luz do valor. O tom e o valor elevam a unidade de significado à condição de evento único.

Exemplo da análise: poema de Pushkin.

# Conceito de forma arquitetônica: em textos filosóficos de M. Bakhtin



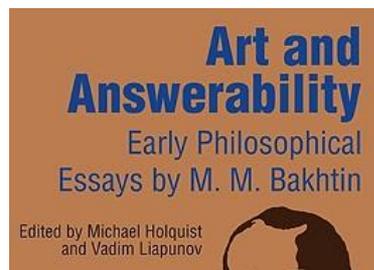
# Conceito de forma arquitetônica: em textos filosóficos de M. Bakhtin



p. 82

## AUTOR Y HÉROE EM LA ACTIVIDAD ESTÉTICA

[...] está condicionado por los términos de la vida del investigador, así como por el estado aleatorio de los materiales (...)



(...)

## Supplementary Section



p. 3

## CAPÍTULO I O AUTOR E A PERSONAGEM

A relação arquitetonicamente estável e dinamicamente viva do autor com a personagem deve ser compreendida tanto em seu funcionamento geral e de princípio quanto nas peculiaridades individuais de que ela se reveste nesse ou naquele autor, nessa ou naquela obra. [...]

Já afirmamos bastante que cada elemento de uma obra nos é dado [...]



Aleksander Pushkin (1799-1837), fundador da clássica poesia russa.

## Poema lírico A separação [Razluka]

1830

Pelas fronteiras de **tua** distante **pátria**  
Abandonav**as** a terra estrangeira  
Naquela hora inolvidável, hora de tristeza  
**Chorei** demoradamente diante **de ti**  
Minhas mãos, cada vez mais frias,  
Esforçavam-se para segurar-**te**  
Meus gemidos imploravam que não interrompesses  
A terrível angústia da separação

Mas privaste teus lábios  
De nosso beijo amargo  
De uma terra de exílio obscuro  
Para outra terra me chamaste  
Disseste: “No dia de nosso reencontro  
Sob a sombra das oliveiras  
Sob um céu de azul eterno,  
Havemos de mais uma vez, meu amado, unir nossos beijos de amor”.

# “A separação” [Razluka], Pushkin:

Mas lá – pobre de mim! – onde a abóbada celeste  
Reluz com raios azuis  
Onde as águas cochilam sob os penhascos  
Adormeceste para sempre  
Tua beleza e teus sofrimentos  
Esvaíram-se na tumba  
Assim como o beijo de nosso reencontro  
Mas continuo a esperar – tu me deves aquele beijo.

Trad. Adriana P. P. Faria e Silva. In.:  
*Retratos dialógicos da clínica: um olhar discursivo sobre relatórios de atendimento  
psicopedagógico*. Tese de doutorado, PUC-SP, 2010, p.66.

# Análise da arquitetônica concreta de uma obra (p.130)

Há dois heróis:

- Herói lírico (autor objetivado)
- Ela, Amalia Riznich, destinatária, que não está identificada no texto, mas amplamente conhecida pela biografia do poeta.

Unidade do poema se recupera no contexto valorativo da heroína e afirma pelo contexto do herói e cria uma unidade ativa (estética) do autor e do leitor.

# Análise da arquitetônica concreta de uma obra (p.130)

Bakhtin começa associando o ato à luz do valor. Tom e valor elevam a unidade de significado à condição de evento único.

Nos dois primeiros versos:

o termo “**terra estrangeira**” é o ponto de vista de uma das personagens:

**ITÁLIA** – terra distante para ele, pátria da heroína

**RÚSSIA** -terra distante para ela, país de onde ela partiu

Consequência: há dois centros de valores, dois pontos de vistas em tensão: o do herói e o da heroína.

## Análise da arquitetura concreta de uma obra (p.130)

Bakhtin traz as duas versões escritas por Pushkin:

1<sup>a</sup> versão: **(perspectiva dela)**

Pelas fronteiras de **tua** distante **pátria** (Itália)

Abandonava**s** a terra alheia (Rússia)

Outra versão: **(perspectiva dele)**

Pelas fronteiras da distante **terra alheia** (Itália)

Abandonava**s** a terra pátria (Rússia)

# Análise da arquitetura concreta de uma obra

Bakhtin explora essa interrelação da entonação e dos centros de valores, procurando associar cada acontecimento humano à participação dos heróis.

O sentido de separação do poema se constrói na fronteira entre a reação da dor do herói, a dor propriamente dita e a reação do autor frente a essa dor, que ele a recria.

Antes de ocupar uma posição puramente estética com respeito ao herói e seu mundo, o autor tem que possuir uma posição puramente existencial. (p. 101, esp.)

# A unidade da arquitetônica:

A unidade do mundo da visão estética não é uma unidade de sentido, não é uma unidade sistemática, mas uma unidade concretamente arquitetônica, que se dispõe ao redor de um centro concreto de valores que é pensado, visto, amado. É um ser humano este centro, e tudo neste mundo adquire significado, sentido e valor somente enquanto tornado desse modo um mundo humano.[...]

e aqui a visão estética não conhece limites – deve estar correlacionado a um ser humano, deve tornar-se humano.

(BAKHTIN, 2010: 124)

## A descrição da arquitetônica

Não é apresentar um esquema abstrato, mecânico, mas um plano concreto do enunciado singular.

M. Holquist explica: “a arquitetônica destina-se a descrever uma *atividade*: as relações que ela organiza estão sempre em estado de tensão dinâmica”.

(HOLQUIST & LIAPUNOV, 1990: XXIII).

A proposta **teórico-metodológica** é recuperar os momentos centrais do eu, do outro e do eu-para-o-outro, princípio que concretiza essa contraposição entre “eu” e o “outro”. A fim de concretizar essa complexa conceituação, Bakhtin apresenta um exemplo para “esclarecer tudo o que se disse sobre a função arquitetônica do centro valorativo do homem dentro de uma totalidade artística” (ZAVALA & PONZIO, 1997, p.85).